



Contracultura no México da década de 1960: o estilo *jipeteca* e a influência da literatura de *La Onda* na cena contestatória juvenil

Counterculture in Mexico in the 1960s: the Jipeteca style and the influence of wave literature on the juvenile contestation scene

Pedro Dionizio de Mello¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sociológica acerca da emergência da cultura juvenil de contestação social mexicana entre as décadas de 1960 e 1970. O marco temporal em questão é conhecido como um período histórico de forte repressão às manifestações culturais da juventude na América Latina. No caso do México, influenciada por fluxos culturais vindos do exterior, nomeadamente dos Estados Unidos, parte da juventude desencadeou movimentos contraculturais que colocaram em xeque valores e costumes tradicionais. Dessa forma, este estudo busca investigar qual o significado gerado por esses movimentos na constituição de um estilo de vida próprio de uma juventude mexicana que buscava se reafirmar. Para tanto, foi feita revisão bibliográfica acerca da cena literária daquele país conhecida como *La Onda*. Ao fim e ao cabo, pôde-se constatar que o movimento contracultural teve contribuição significativa no processo de legitimação social da juventude no México. A interação com uma cultura estrangeira não somente reproduziu um movimento estadunidense, mas também combinou elementos típicos dos dois países, construindo as bases para que jovens mexicanos desenvolvessem formas próprias de identidade.

Palavras-chave: Contracultura. Estilo de vida. Juventude

Abstract

*This article aims to present a sociological analysis about the emergence of the youth culture of Mexican social protest between the 1960s and 1970s. The temporal framework in question is known as a historical period of strong repression of the cultural manifestations of youth in Latin America. In the case of Mexico, influenced by cultural flows from abroad, especially the United States, part of the youth unleashed countercultural movements that put traditional values and customs in check. Thus, this study seeks to investigate the meaning generated by these movements in the constitution of a lifestyle of a Mexican youth that sought to reaffirm. For that, a bibliographical review was made about the literary scene of that country known as *la onda*. After all, it can be seen that the countercultural movement had a significant contribution to the process of social legitimacy of youth in Mexico. Interaction with a foreign culture not only reproduced an American movement, but also combined elements typical of the two countries, laying the foundations for young Mexicans to develop their own forms of identity.*

Keywords: *Counterculture. Lifestyle. Youth*

Introdução e procedimentos metodológicos

Este artigo tem como objetivo analisar a emergência, no México, da cultura jovem de contestação social e de crítica aos costumes dentro do marco temporal da década de 1960 e 70. A questão da identidade, do reconhecimento e da formação de estilos de vidas juvenis contraculturais tentará ser compreendida a partir dos aportes oriundos da cena literária daquele país sobre os ideários dos seus jovens das camadas médias, haja vista que, no período destacado, houve expansão do desenvolvimento dessa área criativa, tornando-se mais significativamente presente na vida social das juventudes mexicanas.

As questões que este trabalho coloca dizem respeito, portanto, à formação das identidades juvenis de contestação a partir da análise de produções contraculturais nacionais, assim como a relação de apropriação e reapropriação, no

¹ Universidade Bacharel e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: p.mello07@gmail.com

México, da efervescência da onda internacional contestatória. Defende-se, assim, que os fluxos culturais vindos do exterior foram importantes para ocasionar rupturas de costumes e constituição de estilos de vida próprios da juventude mexicana, o que demonstra a relação dialética de ressignificação do local diante do global. Ainda que o cenário de contestação jovem estivesse fortemente enlaçado à crítica institucional – por parte da crescente militância estudantil, política e de sindicatos, acredita-se que a análise das juventudes do período precise ir além da visão da contestação “macropolítica”, compreendendo que as tentativas de ruptura engendradas pela contracultura não deixam de apresentar caráter revolucionário em nível do cotidiano. O estilo de vida focalizado primeiramente no artigo será o *jipeteca* e, posteriormente, se adentrará na questão da literatura.

No referente a procedimentos metodológicos, este artigo se apoia basicamente em produções da literatura contracultural mexicana, tratando de realizar uma revisão bibliográfica acerca do tema. Além de contribuições do campo literário, trazemos, quando possível, o relato de agentes sociais da época como forma de melhor ilustrar a conjuntura do período. Outras fontes da internet também se constituíram em materiais consultados.

Anos 60: contexto histórico mexicano

Antes de descrever o processo de formação e os desdobramentos dos movimentos contraculturais no México, em suas diversas instâncias, é importante mencionar o contexto histórico no qual estava inserido. Precisamente, tomamos como ponto de partida a marcante década de 1960.

No plano econômico, o cenário mexicano era de crescimento significativo. Se, nos anos de 1950, o PIB cresceu 6,1% e a renda per capita 3%, na década de 1960 essas taxas aumentaram, respectivamente, para 7,1% e 4,1% (SOUZA, 2005). Justamente devido à elevação do poder aquisitivo da população mexicana, observou-se um desenvolvimento da economia, tanto do lado da oferta quanto do lado da demanda, relacionadas ao mercado interno (SOUZA, 2005). O mercado interno aquecido, aliás, remete a um processo histórico crucial não apenas para o México, mas para um conjunto de países latino-americanos, que Vânia Bambirra (1972) classifica como “tipo A”, ou seja, países que já apresentavam processo de industrialização antes de 1945. Assim, esses países conseguiram aproveitar a conjuntura econômica internacional abalada pela emergência da Segunda Guerra Mundial para levar a cabo uma política de industrialização baseada na substituição de importações, fomentando, então, uma série de indústrias nacionais em setores econômicos estratégicos. Ademais, o período de 1960 representou para a economia mexicana diminuição nas taxas de desemprego, além da manutenção dos baixos índices de inflação.

No plano demográfico, há transformações importantes na década analisada. A mais notável, talvez, reflete-se nos fluxos migratórios, quando o perfil da população passou de predominantemente rural para urbano. De acordo com estudos realizados pelo Instituto de Geografia, Estatística e Informática do México (SOUZA, 2005), na década de 1950, o país tinha 57,4% de sua população localizada no meio rural e 42,6% em âmbito urbano; na década seguinte, a população rural cai para 49,3%, ao passo que a urbana cresce para 50,7%. Devido a baixas taxas de mortalidade e altas de fecundidade, a década de 1960 registrou crescimento populacional significativo, o qual se manifestou em uma alta proporção de menores de 15 anos.

No que concerne ao plano sociocultural, cabe salientar um contexto de grande opressão e sufocamento justamente da população jovem, a que mais vinha apresentando taxas de crescimento no México. Era patente, no país, um choque geracional e, portanto, de valores e de identidades. Portanto, valores tradicionais, tais como a religiosidade, o núcleo familiar e o nacionalismo ufanista, começaram a ser questionados e contestados pelos jovens mexicanos na efervescente década de 1960.

Analisando esse contexto opressivo, Álvaro Vázquez Mantecón (2010), de forma perspicaz, apreende um depoimento de Sergio García, figura eminente do cinema independente e contracultural da década de 1960. Vejamos sua fala:

O que acontece é que... Veja, é difícil de entender agora, mas realmente até 1968 a sociedade mexicana era opressiva, muito opressiva sobre os jovens. E muito repressiva também. Opressiva e repressiva. Éramos presos de... de que seria? Presos de expressão; os jovens não podiam se expressar, não podiam usar cabelo comprido nem nada... Eu pertencia a uma juventude totalmente reprimida. Não apenas na escola, mas na minha casa e na sociedade... Era obrigado a ir à missa todos os domingos, a respeitar o pai; ‘não coloque os cotovelos na mesa’, ‘mastigue com a boca fechada’, ‘diga com licença e por favor...’. e, naturalmente, sexo, não, não, não! O sexo era proibidíssimo, não era? - A prisão era a sociedade ou a nação? - Ambas: a sociedade da nação e a nação enquanto sociedade. (MANTECÓN, 2010, p.128).

Por sua vez, José Agustín, conhecido por sua notável participação no movimento literário contracultural *La Onda*, expõe da seguinte forma o cenário opressivo da década de 1960:

a passagem do México tradicional, atávico, ao país moderno que prometia o regime não era fácil. Ainda que o contexto já não fosse o mesmo, grande parte da sociedade continuava com velhos preconceitos e se acomodava em velhos convencionalismos, no moralismo, no enérgico exercício do machismo, sexismo, racismo e classismo, e em um predomínio de um autoritarismo paternalista. (AGUSTÍN, 1997, p.5).

Somada a essas questões, havia pairando sobre a juventude a forte coerção do Partido Revolucionário Institucional, o qual, apesar de se declarar herdeiro dos ideais da Revolução Mexicana, reproduzia-se no poder há décadas e reprimia qualquer oposição nas ruas. Acerca da conjuntura anterior ao Massacre de Tlatelolco, em 2 de outubro de 1968, que terminou no assassinato de 200 a 300 manifestantes, Humberto Musacchio, membro do Movimento Estudantil de 68, assim pincela a época:

Sonhávamos nesse momento que houvesse uma grande rebelião juvenil que acabasse com o autoritarismo, porque neste país tudo o que não estava proibido era obrigatório. (LA MASACRE, 2010) [tradução minha].

No que tange aos aspectos identitários entre os jovens urbanos da década de 1960, o historiador Sergio Aguayo descreve nesses termos o estabelecimento de rupturas de costumes:

Tínhamos que desafiar o proibido e isso supunha desde o que vestias, o que dançavas, o que bebias, o que fazias com a tua namorada ou o que ela te fazia. Tudo formava parte de uma etapa nova (LA MASACRE, 2010) [tradução minha].

Tendo esses comentários como pano de fundo, defende-se que, através de um processo de confluência entre as condições econômicas, sociais e políticas, verificou-se a explosão, no seio da juventude mexicana, de uma verdadeira constelação de manifestações contraculturais.

Aqui, argumenta-se que não apenas uma atmosfera opressora e repressiva forneceu as bases para uma cultura de contestação, mas que as condições econômicas também exerceram influência decisiva, haja vista que o desenvolvimento da economia favoreceu a emergência de uma camada média com altos graus de escolarização e, portanto, com maior acesso a manifestações culturais mais críticas.

O movimento hippie no México e a ressignificação contracultural

Paralelamente à eclosão dos movimentos contraculturais estadunidenses, a década de 1960 também foi marcada, no México, por uma ebulição de contestações, descobertas, utopias, ideais e contestações reprimidas há anos por valores conservadores fortemente imbuídos no tecido social do país. Nesse contexto, verifica-se a emergência de um conjunto de manifestações culturais na contramão do *status quo* mexicano, as quais colocarão em questionamento normas e tradições fortemente institucionalizadas.

Funcionando como uma verdadeira válvula de escape frente a uma atmosfera opressora, temos a emergência, no México, do movimento *hippie*. De forma geral, como podemos caracterizar essa manifestação cultural originariamente estadunidense? Essencialmente, podemos caracterizá-la como um estilo de vida contra-hegemônico, ou seja, como um modo de viver contrário a valores da classe média estadunidense, tais como o patriarcalismo, o machismo, o autoritarismo, o militarismo, entre outros. Além disso, apresentava como bandeiras a emancipação sexual, o amor livre, o respeito ao meio ambiente, o antibelicismo, etc. No plano artístico, ainda, destaque para bandas de *rock* e literatura como formas de expressão. Ademais, é difícil falar do movimento *hippie* sem mencionar o uso de alucinógenos como formas de alargar, ou mesmo abrir, as portas da percepção.

Em que pese suas raízes vinculadas aos Estados Unidos, o movimento *hippie* se disseminou para vários países da América Latina, entre eles, o México. Dessa forma, estaríamos aqui falando de mais uma forma de colonialismo cultural exercido pela grande potência norte-americana através dessa expressão (contra)cultural?

Homogeneização ou heterogeneidade? Enfraquecimento ou fortalecimento? Diversidade ou unidade? É justamente contra essas polarizações que Mike Featherstone (1990) discorre na obra “Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade”. De acordo com o autor, a lógica binária, que pensa a cultura em termos mutuamente exclusivos – como os referidos acima –, deve ser descartada. O argumento do autor é o de que, à medida que contextos fechados começam a interagir com outras culturas, hierarquias e sistemas simbólicos são, de fato, reconceitualizados. Num contexto de maior interacionismo simbólico, Featherstone tenta explicar o caráter multifacetado dos processos culturais, que podem produzir tanto homogeneidade quanto desordem cultural.

Por um lado, é verdadeira a asserção de que o movimento *hippie* mexicano compartilhou, em grande medida, as características do movimento original estadunidense: uso de alucinógenos, predileção pelo estilo musical *rock*,

crítica a valores tradicionais e conservadores. Tal influência do país vizinho foi tão grande a ponto de algumas bandas do movimento *hippie* mexicano – como, por exemplo, “La Revolución de Emiliano Zapata”, “El Ritual”, “La Tinta Blanca”, etc – comporem e cantarem suas músicas em inglês.

Por outro, parece equivocado dizer que o movimento *hippie* do México se configurou tão somente como uma simples reprodução do estilo de vida contracultural dos Estados Unidos. Em que pese ser, com efeito, um esquema cultural importado, pode-se dizer que o movimento *hippie* mexicano foi ressignificado, recebendo o nome de “jipitecas” – em alusão ao império Asteca, civilização pré-colombiana que floresceu entre os séculos XIV e XVI no território correspondente ao atual México – os jovens *hippies* mexicanos. A respeito da capacidade criativa do agente social em reorquestrar sistemas de significação, Marshall Sahlins (1997) afirma que, assim como há, com efeito, imposições culturais da globalização com vistas à mercantilização das mais diversas esferas sociais, há, por outro, exigências opostas dos agentes sociais, os quais não se submetem aos imperativos colonialistas apenas de forma passiva. Portanto, a globalização é um fenômeno complexo e multidimensional, o qual não se processa de forma linear e automática, como algumas interpretações mais engessadas poderiam sugerir.

Ademais, em que pese a existência de símbolos e esquemas culturais representativos, em larga escala, da identidade e das idiossincrasias de cada país, é difícil conceber um nível absoluto e ontológico de identidade cultural em um mundo globalizado. Consoante esse argumento, BURKE (2003) afirma ser mais sensato pensar em hibridismos culturais. Isto parece fazer bastante sentido no caso da América Latina, espaço privilegiado do sincretismo, da miscigenação e do pluralismo, apesar da forte existência, com efeito, de movimentos intolerantes à pluralidade cultural.

Mas como se configura a singularidade dos *jipitecas*? Em sua obra “La Contracultura em México”, José Agustín descreve algumas de suas características e de suas especificidades:

Enrique Marroquín, sacerdote e antropólogo, autor de *La Contracultura Como Protesta: análisis de un fenómeno juvenil*, sustentou que estes *jipis* mexicanos deviam ser chamados de ‘jipitecas’ (jipis astecas, jipis toltecas), para diferenciá-los dos *hippies* dos Estados Unidos. A distinção é necessária porque, se bem coincidiram no gosto por alucinógenos e na experiência do ecstase, os mexicanos se identificaram com os índios, pois consciente ou inconscientemente, compreenderam que eles conheciam as plantas de poder desde muitos séculos antes, o que lhes conferia o título de mestres. Ademais, ainda que muitos *jipitecas* fossem de classe média e de pele branca, prontamente se incorporaram ao grupo de jovens pretos e pobres, que com o cabelo comprido pareciam índios porque praticamente os eram: neles a miscigenação foi desenvolvida até o setor indígena. Em um país fortemente racista como o México, era uma verdadeira revolução que grandes setores de jovens se identificassem e se solidarizassem com os índios. Somente durante o auge do muralismo, nos anos trinta, havia ocorrido algo semelhante, mas em muito menor escala, quando grupos de intelectuais nacionalistas seguiram a moda Diego-e-Frida, e manifestaram sua admiração pelos índios. Naquela época, porém, o indigenismo estava em moda (AUGUSTÍN, 1997, p. 42.) [tradução minha].

Além disso, o autor também informa outra singularidade dos *jipitecas*: a utilização de roupas – pois admiravam blusas, xales, saias, sandálias, camisas, calças, cobertores, ponchos, coleiras – e artesanatos fabricados por indígenas com objetivo de compor seu visual, “criando um estilo especial e inconfundível de arte *jipiteca*” (AUGUSTÍN, 1997, p. 42), o que hoje poderíamos caracterizar como um pistache, ou seja, como um arranjo de tendências e estilos. Sobre o uso de alucinógenos, Agustín (1997, p. 42) observa que eles “também gostavam de viajar com seus alucinógenos [dos indígenas] nas pirâmides de Teotihuacan, Tula, Xochicalco ou Monte Albán, para estarem imersos em uma atmosfera sagradas”, ou seja, em terrenos que, no passado, foram palco de civilizações pré-colombianas.

Portanto, o movimento *jipiteca* não esteve alheio nem muito menos desprezou símbolos de sua cultura local. Exerceu, sim, críticas e contestações ao país, mas muito mais direcionadas ao nacionalismo de orientação ufanista do que aos povos tradicionais e seus costumes, símbolos da constituição do país e da resistência ao genocídio cometido por colonizadores espanhóis no período de 1500. Na construção de suas identidades, o movimento combinou desde neologismos provenientes da língua inglesa com o espanhol até a composição de vestuário urbano com trajes de populações indígenas.

Ademais, as teses de orientação mais marxista, que sustentavam, na época – e, de certa forma, ainda hoje –, que a apropriação de costumes e estilos de vida estadunidenses favoreceria apenas a alienação e a formação de uma representação falsa da realidade social, parecem ter limitações. De forma diferente, parece mais plausível argumentar que, no caso mexicano, o hibridismo cultural favoreceu um cenário de efervescência social, que retirou do comodismo camadas médias e populares, e as levou à rua para contestar a ordem social mexicana enrijecida da década de 1960.

A contracultura na literatura mexicana

Segundo Gumes (2003), ocorre durante os anos 1950 a formação de uma cultura propriamente juvenil, com os meios de comunicação já apresentando o foco apontado para a figura do jovem a partir de produções cinematográficas, musicais e literárias. Coincidindo com a autora, Morin afirma:

A temática da juventude é um dos elementos fundamentais da nova cultura. Não são apenas os jovens e os adultos jovens os grandes consumidores de jornais, revistas, discos, programas de rádio, mas os temas da cultura de massa são também temas jovens (MORIN, 1987).

A despeito dessa focalização na figura do jovem pelas indústrias culturais, é na esteira do movimento contracultural da década de 1960 que os jovens de várias partes do mundo ocidental vão ganhar maior notoriedade enquanto agentes que buscam a autonomia de seus estilos de vida e de suas manifestações culturais. Nesse sentido, a contracultura pode ser analisada por meio de seus aportes a diversas esferas artísticas, como a literária, foco agora do nosso artigo.

A literatura mexicana de contestação juvenil surgiu quase simultaneamente ao início da estruturação dos movimentos contraculturais nos Estados Unidos, ou seja, antes da primeira metade dos anos 1960. Essa corrente contracultural de escritores no México foi categorizada como *literatura de La Onda* e se estendeu até a década seguinte. Nesse contexto, o vocábulo “onda” é significativo por tratar-se de uma gíria muito associada à identidade coletiva dos chamados *jipetecas* ou *chavos de la onda*², grupos de jovens urbanos mexicanos cujos estilos de vida e visões de mundo eram de contestação aos padrões sociais hegemônicos, sendo, por vezes, influenciados pelos *hippies* estadunidenses (LARA DE ALEGRIN, 1999). No referente às suas múltiplas acepções, a palavra “onda” era geralmente utilizada por esses jovens para designar “festa”, “ambiente”, “plano” ou “estado de humor”.

Nesse sentido, define-se, geralmente, 1964 como marco inaugural do movimento *La Onda*, por ser o ano em que ocorre a publicação da obra “La tumba”, do então jovem de vinte anos José Agustín, considerado o maior nome dessa corrente literária. Rompendo com a estética tradicional do academicismo reinante, as obras literárias de *La Onda* se caracterizaram pela coloquialidade na linguagem, pelos protagonistas jovens, pela descrição do meio urbano a partir das perspectivas juvenis, propiciando um canal de comunicação e de contestação às juventudes mexicanas (LARA DE ALEGRIN, 1999). Conforme Glantz (1971), as obras do movimento *La Onda* podem ser descritas como “[a] literatura que o adolescente escreve para que o adolescente leia” [tradução minha]. Dessa forma, não é ocasional a opção pela ausência de um narrador crítico em terceira pessoa, pois se tratava da construção da interlocução direta entre o escritor e o público com o qual compartilhava valores contestatórios.

José Agustín, à época, também escreveu as obras “De perfil” (1966), “Cuál es la onda?” (1997) e a peça de teatro “Abolición de la propiedad” (1969), todas dentro da corrente contracultural. Outras figuras importantes do movimento *La Onda* foram Parménides García Saldaña, com a publicação de “Pasto Verde” (1968); Gustavo Sainz, que escreveu os livros “Gazapo” (1965) e “Obsesivos días circulares”; e, além deles, havia também o jovem René Avilés Fabila, cujo romance de estreia foi “Los juegos” (1967). Desde a primeira publicação, esses autores foram alvo de múltiplas críticas negativas dentro do campo acadêmico e literário, porém tendo boa recepção pela juventude mexicana. De acordo com Lara de Alegrin (1999), “essa corrente significa a entrada do jovem médio-classista urbano e de sua linguagem na literatura mexicana, anulando os distintos planos de narração e desenvolvendo, assim, novo realismo”.

Entre os temas abordados, encontram-se o cotidiano dos jovens nos bairros da Cidade do México, o uso alucinógenos e outras drogas, a Guerra do Vietnã, o *rock 'n roll* e as relações sexuais, temáticas todas consideradas tabus pela sociedade conservadora mexicana da época. Apesar da postura contrária ao governo do PRI (Partido Revolucionário Institucional), os romances de *La Onda* não apresentavam críticas explícitas ao regime político, dada a falta de liberdade de expressão reinante no país. Segundo a pesquisadora InkeGunia (1994), a respeito das novidades trazidas pelo movimento literário emergente, “os textos de ambos os escritores [Agustín e Sainz] fundamentaram uma literatura que expressava o que no contexto social extraliterário mexicano daqueles anos ia se consolidando como a contracultura juvenil”.

Percebe-se, então, que o movimento contracultural *literatura de la onda* apresenta grande importância aos filhos das camadas médias urbanas do México, num contexto em que buscavam construir suas identidades não mais numa imitação dos pais, mas exatamente partir da diferenciação em relação a estes por meio da coesão grupal com seus pares. Ao colocar a ênfase na linguagem, nos anseios, nas temáticas, na rebeldia e no universo que constituía a estrutura

² “Jipeteca” se trata de um termo derivado do inglês “hippie”, enquanto que “chavo” tem o significado de “rapaz”, “menino” no espanhol mexicano.

de significado desses rapazes, essas obras não apenas retratavam os grupos juvenis da época, como se tornavam um elemento importante na formação de identidades contestatórias dos jovens.

Ainda sobre a contracultura na literatura mexicana, há que se levar em consideração o papel desempenhado pela *geração beat* no desenvolvimento da *literatura de la onda*. Allen Ginsberg e William Burroughs, duas das mais importantes figuras do movimento *beat* de 1950, foram escritores estadunidenses que influenciaram os *onderos* (MONSIVÁIS, 1997). A análise da própria obra da *geração beat* já é indicativa de valorização do México pelos escritores contraculturais dos Estados Unidos. Segundo Rosario (2012), “Kerouac colocou o México como um ‘modelo’ de autenticidade para os Estados Unidos, em sua obra mais conhecida. Além disso, livros famosos de sua carreira têm neste país seus desenvolvimentos e temáticas, como os poemas de ‘Mexico City Blue’s’ e ‘Tristessa’”.

A intersecção entre o movimento contracultural literário mexicano e o estadunidense não se resume apenas a uma inspiração dos *onderos* nas obras dos *beatniks*. Ainda de acordo com Rosario (2012), durante a década de 1960, ocorreu um grande momento de trabalho conjunto entre escritores contraculturais estadunidenses e mexicanos com a criação da revista “El corno emplumado /The Plumed Horn”. Nas palavras do literato,

De janeiro de 1962 a julho de 1969, o empreendimento coordenado por Margaret Randall e Sergio Mondragon esteve na vanguarda das publicações independentes no continente. A revista bilingue trimestral, com sede na Cidade do México, teve 31 edições (de entre 100 e 300 páginas) e viu nascer uma dúzia de livros. As tiragens de 3.000 exemplares distribuídas para o mundo todo traziam e levavam o novo trabalho em poesia, prosa e ensaio de artistas estadunidenses e latino-americanos. (...) foi importantíssima por realizar a ponte entre culturas e contraculturas intrincadas, mas que se desconheciam mutuamente – e pensar o continente como um todo (ROSARIO, 2012).

Nessa publicação, escreveram nomes como os *beats* Allen Ginsberg, Gary Snyder, Phillip Lamantia e Lawrence Ferlinghetti, além de outros escritores, como Charles Bukowski, Herman Hesse, Rosario Castellanos, Julio Cortázar, Alejandra Pizarnik, Miguel Grinberg, José Agustín, Haroldo de Campos, Octavio Paz e Pablo Neruda. Devido à sua posição editorial crítica e progressista, a revista sofreu represálias por parte do governo, até ser fechada em 1969, por apoiar o movimento estudantil da época (ROSARIO, 2012).

Dessa maneira, então, nota-se a existência de intercâmbios de ideias entre artistas literários estadunidenses e mexicanos no marco do movimento contracultural da década de 1960. A influência da *geração beat* sobre a *literatura de la onda* se deu de forma importante para o estabelecimento da literatura contestatória no México. Entretanto, não se pode pensar apenas numa importação do modelo estadunidense. O movimento contracultural *La Onda* apresentou grande caráter original. As temáticas que desenrolou conseguiram tocar profundamente uma geração de jovens mexicanos que ansiavam por mais autonomia e liberdade de expressão, desenvolvendo, assim, formas próprias de sociabilidades e identidades. Podemos destacar como grande mérito da corrente *La Onda* a divulgação de comportamentos contestatórios vinculados, sobretudo, ao cenário das grandes urbes mexicanas, com jovens das camadas médias buscando maior reconhecimento social e diferenciação intergeracional.

Considerações finais

Este artigo se propôs à análise de aspectos específicos da emergência, no México, da cultura jovem de contestação social e de crítica a valores hegemônicos dentro do marco temporal da década de 1960 e 1970. Parece claro que a questão da identidade, do reconhecimento e da formação de estilos de vidas juvenis contraculturais tem de ser compreendida a partir não só do contexto macropolítico de uma ditadura, mas por meio também da chave que a cena (contra)cultural, local e internacional, tocou nos ideários dos jovens das camadas médias mexicanas.

Ao descrever o estilo de vida *jipeteca*, tentou-se problematizar a questão da constituição do movimento contracultural no México frente aos ventos oriundos do Norte. Em que pese a existência notória de assimetrias econômicas e geopolíticas entre os Estados Unidos e o México, defendemos a ideia de que o movimento *hippie*, assim como outras expressões culturais, não foram meramente reproduzidas por jovens mexicanos que teriam se espelhado irreflexivamente em meros modelos de protestos estadunidense. Na realidade, o tema da repressão e opressão eram realidades rotineiras na vida desses agentes sociais, e, por meio da síntese das influências externas com o resgate histórico de elementos dos povos originários, configurou-se a cena contracultural no México, que permitiu aos jovens determinar de forma autônoma suas identidades, seus estilos de vida e seus valores contestatórios de uma ordem tradicional e conservadora. A meu ver, o estilo *jipeteca* tem o mérito de indicar que não existe um estrato autêntico, isolado e autônomo de cultura; que manifestações culturais – como as culturas juvenis, por exemplo – são produtos, sim, de lutas e resistências, mas também de apropriações e ressignificações de outras manifestações culturais. Esses embates parecem exprimir bem as culturas, não como objetos essencializados, mas como processo de fluxos limitados no tempo.

No referente às influências estéticas do campo literário, afirma-se que o movimento *La Onda* apresentou grande importância à época por, além de romper com padrões artísticos literários tradicionais, ter-se tornado elemento importante na diferenciação identitária das juventudes mexicanas. Ao trazer à tona o tema das drogas, da sexualidade e do cotidiano em grandes cidades e colocar o jovem como protagonista da história, a contracultura literária conseguiu reforçar esse papel do jovem no protagonismo de suas próprias vidas. Nesse sentido, o movimento contracultural literário ofereceu aportes ao processo de legitimação juvenil no México no marco dos anos de 1960 e 1970

Referências

- AGUSTÍN, José. *La Contracultura En México: la historia y el significado de los rebeldes sin causa, los jipitecas, los punks y las bandas*. México: Grijalbo, 1997.
- BAMBIRRA, Vânia. *El capitalismo dependiente latinoamericano*. Santiago: Latinoamericana, 1972.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura Global: introdução. In: _____. *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. c. 1. p. 7-21.
- GLANTZ, Margo. *Onda y Escritura En México: jóvenes de 20 e 33*. México: Siglo XXI, 1971.
- GUMES, Nadja Vladi Cardoso. RG Jovem: culturas juvenis e a formação das identidades da juventude. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP13_gumes.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- GUNIA, Inke. “*Cuál es la onda?*” *la literatura de la contracultura juvenil en el México de los años sesenta y setenta*. Frankfurt: Ediciones de Iberoamericana, 1994.
- LARA DE ALEGRIN, Alba. La narrativa de José Agustín o la tiranía de una etiqueta. *La Palabra y el Hombre*, Veracruz, v. 11, n.2, p. 81-91, 1999.
- MANTECÓN, Álvaro Vázquez. Imaginários contraculturais na segunda metade do século XX no México: o surgimento do cinema em Super 8. In: BEIRED, José Luís Bendicho; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (Org.). *Política e Identidade Cultural Na América Latina*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. cap. 5, p. 133-151. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110771>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- MONSIVÁIS, Carlos. La naturaleza de la onda. In: _____. *Amor Perdido*. México: Era, 1997. p. 227-262.
- MORIN, Edgard. *O Espírito do Tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ROSÁRIO, André Telles do. *Pé Nas Encruzilhadas: trajetos e traduções de On the Road pela América Latina*. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11677>>. Acesso em: 16 jan. 2017.
- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, vol.3, n.1, abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002>. Acesso em 8 jan. 2017.
- SOUZA, Nali de Jesus. *Desenvolvimento Econômico*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- TOMLINSON, Alan (Prod.). *Matanza de tlatelolco - documental completo HD*. México. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8FUdd6Wy3Qg>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

Data de submissão: 1º/03/2018

Data do aceite: 12/09/2018